Brazilian Journal of Development

Racismo, homofobia e reprodução de estereótipos: mídia e história

Racism, homophobia and stereotype reproduction: media and history

DOI:10.34117/bjdv5n10-308

Recebimento dos originais: 10/09/2019
Aceitação para publicação: 24/10/2019

Pablo de Oliveira Lopes
Mestre em Ciências Humanas pela Universidade Santo Amaro (UNISA)
Instituição: Universidade Santo Amaro
Endereço: Rua Isabel Schmidt, 349 - Santo Amaro, São Paulo - SP, Brasil. CEP 04743-030
E-mail: lopespo33@gmail.com

RESUMO

A retórica do preconceito é uma das diversas maneiras de expressão do discurso social. O discurso é uma ferramenta de construção da identidade, que influencia diretamente na percepção que cada ser humano tem de si mesmo. Assim sendo, o discurso midiático exerce papel fundamental na formação da consciência e da identidade, inclusive no sentido da mudança. Sob esta perspectiva, como é tratada a questão da representatividade negra e *gay* na telenovela brasileira? Para responder a essa pergunta recorremos à proposta de análise do discurso e de seus usos semânticos e concluímos que a telenovela contribui para a propagação de uma imagem distorcida da realidade, que desvela um discurso cuja desconstrução evoca um país branco e heteronormativo, homofóbico, ainda que exista um processo de reconhecimento e participação negra e homossexual nas produções audiovisuais brasileiras.

Palavras-chave: *Gay.* Negro. Preconceito. Mídia.

ABSTRACT

The rhetoric of prejudice is one of several ways of expression of social discourse. Discourse is a tool of identity construction that directly influences the perception that each human being has of himself. Thus, media discourse plays a fundamental role in the formation of consciousness and identity, including in the sense of change. From this perspective, how is the issue of black and gay representation in the Brazilian soap opera treated? To answer this question we resorted to the proposal of discourse analysis and its semantic uses and concluded that the soap opera contributes to the propagation of a distorted image of reality, which unveils a discourse whose deconstruction evokes a white and heteronormative, homophobic country, even though There is a process of recognition and black and homosexual participation in Brazilian audiovisual productions.

Keywords: Gay. Black. Preconception. Media.

Brazilian Journal of Development

1 INTRODUÇÃO

A retórica do preconceito é uma das diversas maneiras de expressão do discurso social. O discurso é uma ferramenta de construção da identidade, que influencia diretamente na percepção que cada ser humano tem de si mesmo. Assim sendo, o discurso midiático exerce papel fundamental na formação da consciência e da identidade.

Sob esta perspectiva, como é tratada a questão da representatividade negra e *gay* na telenovela brasileira? Segundo Tucci Carneiro, "Didaticamente, o discurso da intolerância pode ser identificado sob diferentes formas de expressão: pela linguagem escrita, visual e oral" (1994, p. 22). Na linguagem escrita, entre as fontes estão as conferências, as cartas de leitores enviadas a jornais, os romances, as crônicas e os manifestos de partidos políticos. Na linguagem visual, encontram-se os filmes, as telenovelas, os programas humorísticos, as gravuras, as caricaturas e as fotografias. Por fim, na linguagem oral, estão incluídos os discursos oficiais, a música, as piadas e os ditados populares. Vale dizer, em todas as formas de expressão podem ser identificadas palavras, frases, gestos e comportamentos que contribuem para a perpetuação do preconceito por meio da reprodução de estereótipos.

Crença rígida e simplificada, o estereótipo pode ser compreendido como dispositivo cognitivo que facilita o acesso a novas situações. Ele equivale a categorias que definem padrões de aproximação e de julgamento que orientam a leitura do novo a partir de referências prévias. Assim, reduz a complexidade das interações concretas e contribui para ampliar o grau de previsibilidade nas novas interações: fundados em simplificações, os estereótipos reduzem as variações presentes nos comportamentos individuais, definidos e explicitados em contextos sociais específicos.

Estereótipos e realidade alimentam-se um do outro, confirmando papéis, comportamentos e valores socialmente produzidos. O estereótipo remete ao etnocentrismo, visão de mundo daqueles que consideram um grupo étnico, nacionalidade ou nação superior ou socialmente mais importante que os outros. Tanto o estereótipo como o etnocentrismo se relacionam com o julgamento de práticas e padrões culturais, com a generalização e a atribuição de valores a algumas características de determinados grupos de indivíduos. Muitas vezes pejorativos, tais julgamentos tendem a colocar as pessoas em posição de inferioridade.

Certas expressões populares, tão presentes no dia a dia de muitas comunidades espalhadas pelo Brasil, reafirmam o preconceito gerado pela disseminação de estereótipos: é o caso de 'serviço de negro', 'Tudo bem ser *gay*, mas não precisa ficar desmunhecando' e 'Pode ser lésbica, mas não precisa se vestir como homem', cuja interferência tem impacto na

produção midiática, sobretudo, na audiovisual. Não por acaso, a mídia brasileira ainda reluta em dar aos negros maior destaque e, geralmente, os coloca em situação de inferioridade. Atrizes negras interpretam, em sua maioria, babás de crianças brancas, empregadas domésticas e operárias. E tais atividades são consideradas menores na escala de valores socialmente aceitos, desprestigiando tanto sua execução, quanto quem as executa.

2 NEGROS NA MÍDIA AUDIOVISUAL: A PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Segundo Mielke (2017), a TV Globo, rede/canal de maior alcance social no Brasil, veiculou, nas noites de sábado, em seu programa humorístico intitulado Zorra Total, a personagem Adelaide, uma negra representada como pobre, desdentada, mãe, vestida de modo simples, distante da urbanidade do cenário, retratada como alguém sem higiene, que dividia a casa com uma ratazana e pedia dinheiro nos vagões do metrô, embora carregasse consigo aparelhos celulares de última geração. De acordo com a autora, a eleição de certos atributos dos negros como metonímia para definir e consolidar determinado olhar negativo sobre a negritude vem sendo, há muito tempo, uma das mais contundentes estratégias para fixar sentidos e inviabilizar a diferença racial. A diferença é reconhecida como parte da cultura, mas, ao mesmo tempo, é repudiada em nome da construção de uma identidade unificadora e idealizada. Dessa forma, mantém-se o controle sobre determinadas culturas por meio do alijamento de suas próprias identidades.

Os valores sociais veiculados pelas mídias audiovisuais reiteram estereótipos e preconceitos dos mais diversos, os quais impactam nas relações sociais. Um exemplo de práticas segregacionistas atinge as religiões de matriz africana como Candomblé e Umbanda, encaradas como práticas nocivas em determinado momento histórico. Significados retransmitidos ou referendados pelas mídias audiovisuais até muito recentemente. Exemplo disso é A novela Lado a Lado, que destaca a personagem Tia Jurema, vivida pela atriz Zezeh Barbosa, presa por causa da sua religião, o Candomblé.

A prática de tais religiões era proibida e reprimida por autoridades policiais e negros cultuavam suas divindades de maneira secreta e as identificavam como santos da religião católica. Uma espécie de disfarce. Iemanjá, por exemplo, era Nossa Senhora da Conceição. Essa proibição não existe, atualmente, mas esse traço cultural tem sido repudiado e é alvo de intolerância e de atos violentos. Seja como for, importa salientar que os valores sociais atribuídos aos negros, no Brasil, com raríssimas exceções, são questionados em produções televisivas, cujo efeito repercute na permanência e disseminação da intolerância. Segundo Puff

(2016), uma menina de 11 anos, Kaylane Campos, foi atingida por uma pedrada na cabeça, em junho de 2015, no bairro da Penha, zona norte do Rio de Janeiro, quando voltava de um culto do Candomblé. De acordo com o mesmo autor, ainda naquele ano, em Brasília, um terreiro da mesma religião foi incendiado.

O racismo e o preconceito que remontam às raízes africanas rotulam pessoas e sociabilidades e revelam a repulsa a seus seguidores. O caso da religião torna-se emblemático por se constituir como elemento da cultura brasileira, porém sua importância é ignorada por uma parcela da população em nome de uma identidade fixa e unificadora. A própria noção de escravidão é avaliada como sinônimo de negro, de negritude, como se negros fossem, por natureza, escravos, significado que não procede, pois sistemas escravocratas existiram antes da invasão colonialista e da diáspora negra.

A telenovela brasileira, como construção discursiva, não retrata a realidade como uma verdade absoluta. Trata-se de uma ficção, de uma construção literária, mas que influencia poderosamente a cultura brasileira. Pesquisas sobre o tema permitem considerar que as mídias audiovisuais resistem em atribuir visibilidade à população negra no que se refere à composição histórica, social, econômica e cultural do país. Um dos indícios que corroboram a afirmação recupera o debate em torno dos papéis de destaque ocupados por atrizes negras nos folhetins. Thaís Araújo viveu, em 2004, a primeira protagonista negra em novelas da TV Globo. Algo, portanto, muito recente, que ocorreu na obra 'Da cor do pecado', exibida na faixa das 19 horas. Embora a novela apresente questões que sugerem a permanência de um desvio de conduta da personagem, uma ‘mãe solteira’, a narrativa ocorre em torno da trajetória de uma mulher negra.

Segundo Araújo (2008), a análise da representação dos atores negros ao longo dos 50 anos de existência da telenovela brasileira revela a decadência do mito da democracia racial e destrói a imagem que o Brasil costuma propagar de si mesmo, alardeando a ideia de que suplantamos a questão racial e somos modelo de integração. Ainda de acordo com o autor, nenhum dos grandes atores negros livrou-se do papel de escravo ou serviçal na telenovela brasileira, mesmo aqueles que já tinham um nome solidamente construído no teatro ou no cinema, como Ruth de Souza, Grande Otelo, Milton Gonçalves e, mais recentemente, Lázaro Ramos.

A participação dos atores negros passou por uma lenta mudança, desde a década de 1960, quando somente atuavam interpretando afro-brasileiros em situações de subalternidade ou subserviência. No contexto, a mulher negra aparecia nas tramas televisivas como escrava e

empregada doméstica, uma reprodução de estereótipos comuns ao cinema e à televisão norte-americanos. Papéis de empregadas domésticas dominavam as participações de mulheres negras naquele período. Zezé Motta estreou na telenovela, em Beto Rockfeller (1968/1969), interpretando a empregada doméstica 'Zezé'. ‘Maria Clara’, personagem vivida por Jacyra Silva, é considerada a primeira empregada doméstica de sucesso da telenovela brasileira ao atuar na obra intitulada Antonio Maria. Todavia, ainda assim, a brecha permitida a uma personagem negra consubstancia a via do suplício em provar a excelência. Para Joel Zito Araújo:

> Nos anos 70, o sucesso temático típico das telenovelas foi a representação dos conflitos e dos dramas dos brasileiros na luta pela ascensão social em uma década considerada como a última de crescimento econômico do país no século XX. No entanto, somente alguns autores, em especial Janete Clair, criaram papéis de negros buscando sua ascensão profissional, a exemplo da personagem do psiquiatra Dr. Percival, interpretado por Milton Gonçalves em Pecado capital, ou Dona Elisa, uma professora e dona de um colégio, interpretada por Ruth de Souza em Duas vidas. (2008, p.2).

A partir dos anos 1980, houve aumento da participação negra na teledramaturgia. Apesar disso, conforme considera Araújo (2008), identifica-se que em um terço das telenovelas produzidas pela Rede Globo até o final dos anos 90 não havia nenhum personagem afrodescendente. Apenas em outro terço o número de atores negros contratados conseguiu ultrapassar levemente a marca de 10% do total do elenco. Levando-se em conta que o Brasil possui uma população de aproximadamente 50% ou mais de afrodescendentes, essa é uma forte demonstração de que a produção audiovisual, com especial atenção para as telenovelas, pouco respeitou a pluralidade étnica que marca a constituição populacional do país.

O racismo brasileiro figura na telenovela como uma das características negativas ainda presentes na sociedade e na cultura brasileira. Até o fim da década de 1990, poucas telenovelas trataram diretamente a discriminação racial vivida por negros brasileiros. Na teledramaturgia, a vergonha e o medo de demonstrar o próprio preconceito geraram o tabu que inibe a manifestação aberta do racismo e fortaleceram o falso mito da democracia racial. Araújo cita que “a pior armadilha para os atores negros tem sido a manifesta opção por profissionais brancos para representar a beleza ideal do brasileiro ou, até mesmo, o típico brasileiro comum – uma estética produzida pela persistência da ideologia do branqueamento em nossa cultura, um discurso construído, no século XIX, que é revivido no dia a dia de nossas telinhas através

da escolha de louras como apresentadoras ideais dos programas infantis e de modelos brancos para os papéis de galãs e mocinhas" (2008, p. 3).

O discurso em torno do branqueamento da população brasileira está presente no projeto implementado por médicos sanitaristas e também por eugenistas na virada do século XX, cujo objetivo era fazer com que o Brasil progredisse no ritmo das potências européias. Segundo André Mota:

> Se o sanitarismo impulsionava o país na sua constituição nacional, a eugenia era tida como um passo à frente nesse processo. Asseguradas as condições de salubridade, seria a hora de voltar-se igualmente e com os mesmos esforços para o aperfeiçoamento dessa raça. Era o momento de avaliar a constituição biológica desse homem e implementar um projeto que, de fato, fabricasse o brasileiro ideal. (2003, p. 57).

Fora do país também há exemplos do domínio branco no controle dos meios de comunicação de massa, que se traduz nessa 'ditadura branca'. A cerimônia do Oscar de 2016 foi marcada pela ausência de negros entre os ganhadores dos principais prêmios concedidos pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas dos Estados Unidos. Após protestos de artistas negros, o panorama da premiação de 2017 mudou e o Oscar de melhor filme foi concedido a *Moonlight*, longa-metragem composto por atores negros e que retratou, entre outros assuntos, a homossexualidade.

De acordo com Sodré, na obra 'Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil', "a mídia funciona, no nível macro, como um gênero discursivo capaz de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações inter-raciais, (...) que, de uma maneira ou de outra, legitima a desigualdade social pela cor da pele." (1999, p. 243). O discurso midiático tem representado a ideologia branca. Ao restante da sociedade é imposta a ideia de que 'bonito é ser branco'. Mesmo na esfera jornalística, é raro ver um repórter negro ou um comentarista de política ou economia que seja afrodescendente.

Segundo Rocha (2011), todo discurso envolve questões ideológicas; por isso, o conceito de ideologia. O autor afirma ainda que os fenômenos ideológicos são simbólicos desde que sirvam, em circunstâncias sócio-históricas específicas, para estabelecer e sustentar as relações de dominação, presentes em publicações da mídia escrita, mas também na mídia audiovisual. Matérias divulgadas pela mídia dizem respeito, geralmente, ao parlamento, ao governo, a grandes bancos. Minorias étnicas não constituem objeto de divulgação dos grandes veículos de comunicação. O mesmo ocorre com grupos que divergem da sexualidade aparente.

Apesar das constatações, há lugar para mudanças no espaço midiático. Este espaço é um dos principais reprodutores da lógica racista, mas pode também servir para promover a igualdade racial num país plural como o Brasil. Apesar de ainda haver muito por se construir para que a 'cara pública do Brasil', sobretudo aquela que se apresenta na televisão aberta, seja mais próxima da representação da diversidade, há que se considerar alguns aspectos positivos e mudanças neste sentido.

Exemplos como os das séries de televisão com protagonistas negros, Antônia, de 2006, Suburbia, de 2012, Sexo e as negas, de 2014, e Mister Brau, de 2015, todas da TV Globo, demonstram que existem resistências e avanços impulsionados, em sua maioria, pelas ações históricas do movimento negro e pelo empoderamento de jovens negros da periferia, nos últimos quinze anos, por meio do *hip hop* e de movimentos mais ligados à arte urbana e à estética. Entretanto, mitigar a reprodução de estereótipos requer ainda a participação do poder público. A regulação dos meios de comunicação de massa é fundamental para garantir a representação da diversidade racial e sexual no país.

Em 'Antônia', quatro amigas de infância, moradoras da Vila Brasilândia, bairro pobre e violento da periferia de São Paulo, tornam-se cantoras de *Rap*. Preta, vivida por Negra Li, Barbarah, por Leilah Moreno, Mayah, interpretada por Quelyna, e Lena, personagem da atriz Cindy Mendes, formam o grupo que protagoniza a série. Na trama, todas enfrentam racismo e preconceito, atribuído ao *hip hop.* Preta é frentista em um posto de gasolina e tem uma filha que sustenta sozinha. Barbarah passou dois anos na prisão. No primeiro episódio, é posta em liberdade condicional e luta para se ressocializar, sendo a líder do grupo musical. Maya, garçonete e cantora em um bar, vive um romance com Marcelo Diamante, vivido pelo ator Thaíde, empresário do grupo. Lena é a mais nova e também a mais sonhadora. Especialista em rimas de improviso, torna-se uma artista diferenciada no *hip hop.*

A crítica que se sobressai destaca a narrativa construída em torno da origem pobre, desviante e perigosa das personagens que compõem a ficção. O estereótipo da mulher negra suburbana, que passa por momentos difíceis na vida, sugere uma via de mão única e reitera imagens que reforçam estereótipos. O contraponto surge com a formação do grupo de *rap*, que aparece como foco de resistência à segregação e representa o fortalecimento da cultura da periferia, ainda que a vida artística apareça na trama como única alternativa à pobreza.

Em Suburbia, conta-se a história de Conceição, interpretada por Débora Nascimento e Erika Januza, menina criada nos fornos de uma carvoaria, no interior de Minas Gerais, e que foge de casa aos 12 anos em busca de uma nova vida e trabalho. A protagonista não quer para

si o destino dos pais, interpretados por Luiz Manoel de Souza e Serafina Terezinha Pereira, representados na trama como analfabetos e embrutecidos pela miséria, nem morrer jovem como o irmão, papel vivido por Hugo Raphael de Souza, vítima de uma explosão nos fornos. Assim, deixa a família rumo ao Rio de Janeiro. Essa e outras histórias são abordadas na série, definida como uma história de amor e drama social, cuja ação principal se passa no seio de uma família da zona Norte do Rio de Janeiro, no início dos anos 1990.

Assim como em outras produções audiovisuais, em Suburbia, vem à tona o arquétipo do negro pobre, que busca melhor destino do que aquele que foi reservado para seus pais, cujo passado histórico gravita em torno da falta de dinheiro, de pouca instrução e marginalidade. De acordo com o G1 (2017), dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontavam que 63,7% dos desempregados brasileiros, naquele ano, eram negros ou pardos. Ainda de acordo com o instituto, negros recebem salários que correspondem à metade da remuneração média dos brancos. Os indicadores econômicos retraçam a imagem do cidadão negro como desfavorecido, em situação de inferioridade financeira em relação ao branco. Diante das estatísticas, é possível considerar os nexos entre o que a televisão brasileira veicula em relação aos negros e a realidade vivida por uma parcela significativa desses cidadãos. Todavia, acredita-se que tendo em vista o alcance da televisão na sociedade brasileira, faz-se necessária uma produção audiovisual que promova a diminuição dessas distâncias que separam negros e brancos.

Segundo o portal de notícias G1 (2016), pela Pesquisa Brasileira de Mídia, a televisão, enquanto veículo de comunicação de massa, aparece nas estatísticas como o preferido de 63% dos brasileiros. Assim, essa mídia tem papel importante a desempenhar junto à sociedade para mitigar a desigualdade social.

Em Sexo e as Negas, são retratadas as histórias de quatro amigas moradoras de Cordovil, subúrbio da cidade do Rio de Janeiro. Compõem a trama a camareira Zulma, vivida por Karin Hils, a recepcionista Lia, personagem de Lilian Valeska, a operária Tilde, interpretada por Corina Sabbas e a cozinheira Soraia, vivida por Maria Bia. As personagens são retratadas lidando com sentimentos como desejo, medo, prazer e insegurança. As quatro também fazem questão de aproveitar os prazeres do cotidiano, como o baile da comunidade. Representantes da periferia que remontam à representação do ator negro como serviçal.

Sem pretender um determinismo sobre o tema em análise, verifica-se que a produção televisiva em destaque sugere uma permanência de valores que evocam a vida sexual desregrada. Não obstante, ainda que a trama busque legitimar o empoderamento da mulher

negra sobre seu corpo, ela leva à produção de sentidos contraproducentes em relação às moralidades que constroem discursivamente a sociedade.

Em 'Mr. Brau', a história trata da vida de um cantor popular, o protagonista, vivido por Lázaro Ramos, casado com Michele, personagem de Taís Araújo, empresária e coreógrafa. De origem humilde, os personagens tiveram que trabalhar duramente para alcançar seus objetivos. O programa aborda as variantes da ascensão social e o preconceito contra os novos ricos. Nesta série, ainda que bem-sucedidos, os negros continuam a enfrentar a discriminação, mas o fazem ao ocupar um patamar mais alto na escala social. Ricos e famosos, desfrutam de regalias, possuem bens materiais e gozam de privilégios que os personagens das outras séries não conhecem.

A produção televisiva em análise demonstra ser possível preencher a lacuna que historicamente tem incomodado e oprimido 50% da população nacional: a condição do negro subjugado, preterido.

3 A HOMOSSEXUALIDADE NAS TELENOVELAS

No que se relaciona ao tratamento dispensado aos *gays* na mídia audiovisual brasileira, os contrastes seguem o mesmo percurso e produzem um sentido também danoso à comunidade LGBTI. A homoafetividade acompanha a humanidade desde os seus primórdios, tornando-se difícil determinar, com exatidão, a primeira referência histórica ou literária sobre o fenômeno. Todavia, sabe-se que em praticamente todas as civilizações as relações homossexuais sempre estiveram presentes.

Existem diversos registros que apontam relacionamentos homoafetivos, de pinturas rupestres a corpos sepultados com indícios de práticas sexuais homossexuais e de transexualidade. Personalidades históricas, que atuaram na construção da civilização, seja nas artes, na ciência, na política, na religião e na filosofia, foram homossexuais ou fizeram alusão ao assunto em suas obras. Entretanto, a compreensão da homossexualidade foi prejudicada e influenciada por valores desprovidos de senso crítico, baseados em senso comum e dogmas religiosos, o que acabou por incentivar o surgimento de uma cultura de ódio em relação aos homossexuais, com reflexos na postura social e legal em relação aos diferentes gêneros.

O discurso midiático também pode ser responsabilizado pela imagem que se tem dos homossexuais. Nas novelas e séries exibidas na televisão brasileira, *gays* são retratados com inúmeros trejeitos e, geralmente, são afeminados. Características a eles atribuídas para dar-lhes um tom de humor, aproximando-os do público, que acolhe com mais facilidade

personagens engraçados. Para esconder ou amenizar o que se supõe ser um defeito, elabora-se uma caricatura que, por sua vez, acaba por adentrar o caminho da generalização.

Não é incorreto afirmar que *gays* podem ser afeminados e que, em alguns casos, comportam-se de maneira semelhante às mulheres. Lésbicas também podem assumir comportamentos masculinos. Entretanto, ainda que essa dimensão exista, deve-se considerar que homossexuais são diferentes em suas identidades, com personalidades construídas em histórias de vida singulares, o que os leva a ter outras manifestações corporais, comportamentais, de luta e de resistência frente aos padrões normativos que imperam e fabricam *gays*. Vale dizer, não existe uma identidade fixa, mas diversidade na diferença.

Estereótipos acompanharam os homossexuais na televisão brasileira. Na década de 1980, período em que a AIDS ganhou força e se espalhou mundo afora, a associação ente HIV e *gays* passou pela percepção de que homossexuais eram promíscuos e que a doença era originária dessa condição. A criação de estereótipos e sua reprodução se alicerçam justamente na generalização que rotula pessoas e coletivos, atribuindo características que nem sempre são adequadas ou correspondentes.

Segundo Gianna (2017), pesquisa realizada na capital paulista pelo CRT DST/AIDS-SP, em conjunto com a Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, em 2011, homens que fazem sexo com homens (HSH) e transgêneros como travestis e transexuais são vítimas de preconceito. Entre 1.217 entrevistados, 33,5% disseram ter sofrido abuso, 15,1% sofreram agressões físicas e 62,3% ofensa verbal.

Há 30 anos, a AIDS era sinônimo de morte. Nos dias de hoje, é considerada uma doença crônica e por conta dos avanços nos campos do diagnóstico e do tratamento da enfermidade, pessoas infectadas pelo HIV vivem com mais qualidade. O desafio atual consiste na promoção dos direitos humanos e na prevenção de novas infecções em jovens HSH. Para se alcançar tal desafio, a luta de coletivos de defesa dos direitos de lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) tem contribuído para que essa parcela da população seja reconhecida e conquiste o respeito da sociedade. Passos importantes no combate ao preconceito já foram dados apesar das dificuldades existentes. Todavia, considera-se que, dado o impacto das mídias audiovisuais na vida social mais ampla, faz-se necessário maior representatividade de *gays* e negros para que estes não figurem somente como doentes e subjugados.

Assim, sem pretender uma interpretação unilateral, é correto afirmar a existência de mudanças em curso, pois as novelas brasileiras têm evidenciado relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo com cenas pouco prováveis na década de 1980, por exemplo. Um caso recente

foi retratado pela novela ‘Liberdade, Liberdade’, exibida pela TV Globo, em 2016, que contou com a participação de Ricardo Pereira e Caio Blat. Segundo Maranha (2016), a cena veiculada é considerada a primeira envolvendo sexo entre dois homens na teledramaturgia brasileira.

A telenovela ‘Liberdade, Liberdade’acontece no Brasil do século XVIII e retrata hábitos, costumes e percepções daquele período histórico. Nesse contexto, observa-se a ousadia da obra televisiva em abordar um relacionamento homossexual, algo considerado crime em uma sociedade conservadora e influenciada, em larga medida, por valores religiosos. Os personagens vividos por Caio Blat e Ricardo Pereira encontram-se às escondidas e temem serem flagrados juntos. A narrativa considera que relações homoafetivas existiam, mas as convenções sociais e a rigidez moral impunham aos *gays* enormes barreiras, que dificultavam a vida amorosa e profissional dos cidadãos homossexuais na época em que se desenrola a trama. A despeito dessas limitações ou dificuldades, a homossexualidade foi mostrada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível considerar que o discurso midiático contribui para a (des)construção da representatividade *gay* e negra na sociedade brasileira. A participação de tais segmentos da sociedade na formação da identidade brasileira é alvo de veículos de comunicação como televisão e cinema e pode ser retratada de maneira pejorativa ou não. Tal abordagem depende da retórica utilizada.

Palavras e imagens podem enaltecer e valorizar traços culturais e comportamentais, mas também podem desvalorizá-los, na dependência do contexto em que são empregadas. E a semântica pode ser uma das chaves para isso. Negros e *gays* podem ser reconhecidos como parte integrante da composição étnica e cidadã da nação ou podem ser marginalizados, com participação direta do discurso midiático.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Joel Zito. O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. **Estudos Feministas**, v.16, n.3, p. 979-985, set./dez. 2008. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2008000300016/9190. Acesso em: 22 jul. 2019.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O discurso da intolerância: Fontes para o estudo do racismo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA, 10., 1994, São Paulo, **Anais...** São Paulo: Congresso Brasileiro de Arquivologia, 1994.

GIANNA, Maria Clara. Aids: novos e velhos desafios. **Revista Ser Médico**, São Paulo, n.78, p.12-15, jan./mar. 2017.

MARANHA, Fernanda. **Beijo gay em novelas:** veja 8 cenas que marcaram a teledramaturgia. Home iG>iGay**.** [Site]. Disponível em: <http://igay.ig.com.br/2016-07-12/beijo-gay-novelas.html>. Acesso em: 10 abr. 2017.

MIELKE, Ana Claudia. **Racismo na mídia:** invisibilidade dos negros. GGn. [Site]. 28 fev. 2017. Disponível em: <http://jornalggn.com.br/noticia/racismo-na-midia-invisibilidades-dos-negros-por-ana-claudia- mielke>. Acesso em: 08 abr. 2017.

MOTA, André. **Quem é bom já nasce feito***:* sanitarismo e eugenia no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PUFF, Jefferson. **Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil?** BBC Brasil. [Site]. 21 jan. 2016. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_africanas_jp_rm.>. Acesso em: 10 abr. 2017.

ROCHA, Harrison da. Racismo e mídia**. Univ. Hum.**, Brasília, v. 8, n. 1, p. 53-82, jan./jun. 2011. Disponível em: https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/universitashumanas/article/view/1392/1504. Acesso em: 22 jul. 2019.

SILVEIRA, Daniel. **63,7% dos desempregados no Brasil são pretos ou pardos, aponta IBGE.** G1. [Site]. 17 nov. 2017. Disponível em:https://g1.globo.com/economia/noticia/637-dos-desempregados-no-brasil-sao-pretos-ou-pardos-aponta-ibge.ghtml**.** Acesso em: 22 jul. 2019.

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros:** Identidade, Povo e Mídia no Brasil. Rio de Janeiro: Ed.Vozes, 1999.

TV é o meio preferido de 63% dos brasileiros para se informar, e internet de 26%, diz pesquisa. G1. **[Site].** 24 jan. 2017. Disponível em: https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/tv-e-o-meio-preferido-por-63-dos-brasileiros-para-se-informar-e-internet-por-26-diz-pesquisa.ghtml. Acesso em: 22 jul. 2019.